

O trabalho feminino como forma no romance *Tess of the d'Urbervilles*, de Thomas Hardy

Women's work as form in the novel *Tess of the d'Urbervilles*, by Thomas Hardy

Jéssica Maria Sampaio de Lima

Universidade Federal do Oeste do Pará

Elder Koei Itikawa Tanaka

Universidade de São Paulo

Jéssica Maria Sampaio de Lima
Mestranda em Letras, Especialista em Literatura Comparada e Licenciada em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Oeste do Pará. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6694-8577>

Elder Koei Itikawa Tanaka
Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, com período de doutorado sanduíche (bolsa Capes/Fulbright) na University of Pennsylvania/EUA. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3900-731X>

Recebido em:
06/06/2023

Aceito em:
06/07/2023

MAI / AGO 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 168-182

RESUMO

Este artigo almeja discutir como as relações de trabalho (especificamente de mão de obra feminina e rural) do século XIX se manifestam na forma do romance *Tess of the d'Urbervilles*, de Thomas Hardy. Ao apresentar brevemente o contexto sócio-histórico dessa parcela da sociedade inglesa ao longo da Era Vitoriana e tomá-lo como uma das principais condições de produção do autor na criação do universo fictício de Wessex, concluímos que é evidente a interferência do elemento sócio-histórico da época na composição do enredo e na caracterização da personagem por meio do estabelecimento das relações e das condições de trabalho a que a protagonista Tess é submetida, sendo estas, muitas vezes, também uma materialização externa de seus sentimentos e angústias pessoais.

PALAVRAS-CHAVE

Tess dos d'Urbervilles. Thomas Hardy. Era Vitoriana. Trabalho feminino

ABSTRACT

This article aims to discuss how labour relations (specifically female rural labour) in the 19th century England are manifested in the form of the novel *Tess of the d'Urbervilles*, by Thomas Hardy. By briefly presenting the socio-historical context of this part of society throughout the Victorian Era and taking it as one of the main conditions of the author's production in the creation of Wessex fictional universe, we conclude that the interference of the socio-historical element of the period is evident in the plot composition and in the hero's characterization. A recurrent external materialization of Tess's feelings and personal anxieties takes place through the establishment of personal relationships and working conditions to which the protagonist is subjected.

KEYWORDS

1. Introdução

Um dos últimos romances de Thomas Hardy, intitulado *Tess of the d'Urbervilles: A Pure Woman Faithfully Presented*, foi publicado pela primeira vez em 1891. A obra, que foi serializada e censurada (HARDY, 2013, p. VI) para estampar as páginas do jornal britânico ilustrado *The Graphic*, recebeu duras e variadas críticas, principalmente por desafiar a então moral sexual e religiosa da Era Vitoriana na Inglaterra (entre 1837 e 1901).

Heroína que dá nome ao romance, Tess é a mais velha dos nove filhos do casal de camponeses John e Joan Durbeyfield. Em uma manhã, o patriarca da família descobre, por meio de um pároco, a possibilidade de os Durbeyfield descenderem diretamente dos d'Urbervilles, uma antiga família aristocrata já extinta. Deslumbrado com a provável ascendência nobre de seus antepassados, John embriaga-se, ficando, então, impossibilitado de trabalhar no dia seguinte. Tess toma para si os afazeres do pai e acaba se envolvendo em um acidente trágico que resulta na morte de Prince, o único cavalo da família, principal meio de trabalho e de sustento dos Durbeyfield. Sentindo-se culpada, ela coloca em prática o plano de seus pais e parte para reivindicar seu parentesco a uma família rica que ostenta o sobrenome d'Urbervilles em uma propriedade em Trantridge. Lá, Tess conhece Alec, que contribui decisivamente para a série de desventuras e infortúnios protagonizados por ela ao longo da obra, encerrada funestamente.

Depois de se oferecer para, no lugar do pai e na companhia do irmão, transportar as colmeias coletadas pela família a tempo de realizar a venda na cidade, Tess e Abraham arrumam a mercadoria na carroça e improvisam, na tentativa de despertar depois de pouquíssimas horas de descanso, “an artificial morning with the lantern, some bread and butter, and their own conversation, the real morning being far from come” (HARDY, 2013, p. 23-24). Durante a viagem, Abraham traz à tona o assunto da possível ascendência nobre da família, perturbando Tess, que desconversa:

“Never mind that now!”, she exclaimed.

“Did you say the stars were worlds, Tess?”

“Yes.”

“All like ours?”

“I don't know; but I think so. They sometimes seem to be like the apples on our stubbard-tree. Most of them splendid and sound – a few blighted.”

“Which do we live on – a splendid one or a blighted one?”

“A blighted one” (HARDY, 2013, p. 25).

Esse breve diálogo entre Tess e o irmão, além de prenunciar o caráter soturno e pessimista que envolve a obra, antecede o trágico acontecimento que Hardy utiliza como ferramenta impulsionadora do romance: a morte do cavalo Prince. É apenas por necessidade que as duas crianças são obrigadas a abandonar a tranquilidade do lar para trabalhar antes mesmo do nascer do sol e acabam, em meio à execução da tarefa, cedendo ao sono e vitimando o pobre animal que o pai utilizava para prover à família. É motivada pela culpa que carrega que Tess se vê obrigada a seguir o ambicioso plano de seus pais. A partir dessa fatalidade, o autor desde já sugere que o mundo de

Tess, em meio a tantos mundos esplêndidos e sadios, se mostraria, de fato, arruinado.

No romance, é em meio às diversas realidades laborais vivenciadas por Tess – mais degradantes conforme sua condição social piora – que Hardy movimenta o enredo cujas circunstâncias a condenam a um destino fatalista e inevitável. Como mulher pobre de classe trabalhadora rural, Tess coexiste com a realidade do trabalho árduo e constante. Sua construção como personagem talvez seja tão dependente do estabelecimento dessas relações de trabalho quanto o próprio enredo do romance.

O objetivo deste artigo é, dessa maneira, analisar como duas das principais experiências de trabalho vivenciadas por Tess contribuem na definição do enredo e para sua formação como protagonista. Para isso, consideraremos alguns fatores do contexto sócio-histórico da época, aqui tomados como condição de produção do autor.

2. As mulheres e o trabalho: identidades femininas na Inglaterra vitoriana

Inigualável domínio imperial e mercantil, industrialização acelerada, urbanização intensa, puritanismo: todas ou pelo menos algumas dessas características podem vir à tona em uma tentativa de caracterização da Era Vitoriana na Inglaterra. Essa descrição, de fato, contemplaria uma parcela da população inglesa. Para a classe média, o período foi de muita prosperidade apesar dos inúmeros problemas causados por um processo de industrialização desordenado.

De acordo com Morgan (2007, p. 1), no que diz respeito à questão social das mulheres, uma das concepções mais difundidas é a das esferas separadas, que supostamente restringia as mulheres ao ambiente doméstico, onde exerciam o seu papel como *anjo do lar*, enquanto o homem, como uma figura dominante nos espaços públicos, tinha liberdade para transitar entre os dois âmbitos. Esse padrão feminino de idealização foi muito exaltado e incentivado na época, e é geralmente a esse estereótipo que associamos a figura da mulher vitoriana, sobretudo a de vida urbana e de classe média:

The king's relegation of women to the hearth and heart reflects an ideology that claimed that woman had a special nature peculiarly fit for her domestic role. [...] this concept of womanhood stressed woman's purity and selflessness. Protected and enshrined within the home, her role was to create a place of peace where man could take refuge from the difficulties of modern life (REIDHEAD, 2016, p. 992).

No entanto, mesmo no caso das mulheres de classe média ou superior, muitos estudiosos têm se questionado acerca da improvável simplicidade dessa definição:

The social role of women in the mid-nineteenth century was surrounded by ambiguity and uncertainty; an ambivalence increasingly acknowledged by historians who have long since abandoned the simplistic notion of the Victorian 'Angel in the House'. [...] Studies of the female contribution to [...] society, and to the formation of middle-class identity in particular, have been dominated by controversies over

the possibilities and limitations of this division as a guide to women's actual experiences (MORGAN, 2007, p. 1).

É evidente, nesse recorte social, a influência de classe. Muito embora as mulheres de classe média pudessem executar tarefas esporádicas de forma sazonal na busca por ocupação ou por alguma independência financeira, supõe-se que, para as mais privilegiadas, o trabalho não fosse uma condição compulsória, como o é para a protagonista do romance aqui analisado, e como o foi para as milhares de mulheres proletárias da zona urbana que, muitas vezes acompanhadas de seus filhos pequenos, submetiam-se a condições de trabalho degradantes e brutais nas fábricas e nas minas (REIDHEAD, 2016, p. 982-983).

Embora muito posteriormente e em escala consideravelmente menor, historiadores passaram a estudar a realidade de uma parcela triplamente marginalizada da população vitoriana – a das mulheres pobres e trabalhadoras da zona rural:

[...] It has taken many years for rural women – and their roles as workers, rioters, family members and agents of social change – to materialise as topics worthy of academic interest. [...] ‘Both married and single women worked in agriculture for the greater part of the nineteenth century’, they [the researchers] claimed, ‘and most textbooks on agricultural history say they disappeared from the rural labour force after 1870’ (VERDON, 2002, p. 21).

Para essa porção invisibilizada da sociedade feminina inglesa, a realidade do trabalho – além daquele já exercido no ambiente doméstico – sempre foi algo naturalizado e, mais do que isso, necessário à própria subsistência ou sobrevivência, individualmente ou no âmbito familiar. Nem ao se mostrarem perfeitamente capazes de executar atividades laborais, no entanto, as mulheres da zona rural foram poupadas da ideologia de divisão de gênero que alegava sua inferioridade física, intelectual e moral em relação ao homem. Posturas sociais e culturais como essa afetavam diretamente as condições do trabalho feminino estabelecendo uma série de proibições e proscricões às atividades que elas poderiam exercer – a mão de obra feminina era mais barata porque acreditava-se que, ao contrário de um homem, uma mulher: não poderia executar qualquer tarefa; por sua condição física frágil, trabalhava por menos tempo; e, devido à sua inferioridade intelectual, cumpria seus afazeres com menor eficiência (VERDON, 2002, p. 29). Verdon (2002, p. 13) demonstra, de acordo com registros históricos, que as limitações referentes às opções disponíveis para a mulher no mercado de trabalho – fosse na zona rural ou urbana – não eram, portanto, definidas apenas por fatores econômicos. A historiadora também enfatiza que, apesar de essa divisão de gênero dentro do mercado de trabalho ter se intensificado nesse período,

[...] the sexual specialisation of agricultural labour did not stem from Victorian attitudes concerning the proper place of women: the decline in female work opportunities in the nineteenth century was the continuation of a prolonged process that began a century earlier. Changes in female wage-earning potential occurred alongside the transformation in agricultural day labour, confirming the sexual division of labour (VERDON, 2002, p. 24-25).

As imposições ideológicas moralistas que visavam “proteger” a mulher e sua dita *fragilidade característica* dos males externos ao ambiente doméstico, condenavam todas as mulheres à opressão de gênero. No entanto, as mais pobres e mais profundamente vulneráveis, paradoxalmente, eram expostas a situações de maior degradação física e social: fosse dentro de uma fábrica, em algum celeiro ou campo para colheita, as detentoras do *sexo frágil* trabalhavam arduamente, dentro de casa e fora dela, para, no fim, ganhar consideravelmente menos do que um homem que executasse o mesmo trabalho.

3. Trabalho e dignificação em Talbothays

Dairyman Crick’s household of maids and men lived on comfortably, placidly, even merrily. Their position was perhaps the happiest of all positions in the social scale, being above the line at which neediness ends, and below the line at which the conveniences begin to cramp natural feeling, and the stress of threadbare modishness makes too little of enough. [...] Tess had never in her recent life been so happy as she was now, possibly never would be so happy again. She was, for one thing, physically and mentally suited among these new surroundings” (HARDY, 2013, p. 114).

É em busca de renovação que Tess, depois de muito esperar por uma oportunidade de emprego que a afastasse de sua comunidade – e, esperançosamente, de seu passado sombrio –, deixa sua região para trabalhar como leiteira na abundante propriedade Talbothays, comandada pelo generoso e benevolente fazendeiro Richard Crick. Esse período se mostraria, como o próprio narrador afirma no trecho acima, o mais feliz de sua jovem vida. Depois de viver em reclusão por anos após a perda precoce do filho – fruto da violência cometida por Alec d’Urberville e evidência viva e palpável de sua condenação como mulher impura – ela, finalmente, decide deixar seus infortúnios para trás.

No romance, Hardy relaciona o anseio de Tess ao poder de renovação da natureza que, com a chegada da nova estação, regenera-se. Esse poder de reconstrução age sobre Tess de forma primitiva, quase como se fizesse dela uma mera refém da força da natureza: “A particularly fine spring came round, and the stir of germination was almost audible in the buds; it moved her, as it moved the wild animals, and made her passionate to go” (HARDY, 2013, p. 88). Esse tipo de associação feita pelo narrador é comum ao longo de todo o romance. Para Morgan (2007), a locação da nova fase da vida de Tess é carregada de simbolismo e coincide com o breve período idílico de sua vida:

The Vale itself is a lush, fertile river valley and a dairy-farming community unbloodied by the slaughter of animals and blessed by peaceful productivity—the milking of cows, the skimming of cream, and the churning of butter. The climate is temperate: dreamy, summery days where the only sounds to be heard are the lowing of cattle in the meads and the songs of birds. The Talbothays story is ageless and mythic: the goddess of spring has returned, the world is made new again, and Tess, her instincts roused in sensuous affinity with the pulse and throb of natural things, flourishes” (MORGAN, 2007, p. 103).

Antes mesmo que Tess pudesse estabelecer contato com alguém na lei-

teria, ela se depara com a prosperidade do vale, com a vivacidade dos prados e a disponibilidade de alimento, representada na cena pela abundância de leite produzido pelas vacas dóceis, soltas no meio do campo: “[...] Their large-veined udders hung ponderous as sandbags, the teats sticking out like the legs of a gipsy’s crock; and as each animal lingered for her turn to arrive the milk oozed forth and fell in drops to the ground.” (HARDY, 2013, p. 93). A perspectiva de um recomeço em um trabalho agradável a alegrava e, mesmo depois de uma longa e cansativa viagem, ela se prontifica para o trabalho assim que foi aceita em sua função, disposta a ajudar.

When Tess had changed her bonnet for a hood, and was really on her stool under the cow, and the milk was squirting from her fists into the pail, she appeared to feel that she really had laid a new foundation for her future. The conviction bred serenity, her pulse slowed, and she was able to look about her (HARDY, 2013, p. 95).

Diferente do que aparentemente acontecia nos trabalhos anteriores de Tess – de caráter incerto e irregular –, seu emprego em Talbothays, apesar de sazonal, seria formal e devidamente assalariado (VASCONCELOS, 2006, p. 194). Ao longo dos séculos XVIII e XIX a participação laboral feminina cresceu em regularidade e diversidade. Com a implementação de novos métodos agrícolas de produção, as mulheres continuaram fundamentais na composição da mão de obra rural também durante o século XX. No entanto, a partir, principalmente, da segunda metade do século XIX, conforme os valores vitorianos de divisão de gênero ganhavam força na Inglaterra, observou-se, através dos registros, o afastamento feminino do trabalho de cultivo nos campos e a preferência da força de trabalho da mulher para a execução de atividades domésticas e de produção de laticínios – indústria na qual ocuparam, ao menos inicialmente, um lugar de relevância (VERDON, 2002, p. 28).

Apesar de o trabalho ser uma evidente necessidade para a maior parte das mulheres, sobretudo entre as mais pobres como Tess, muitos vitorianos condenavam a atividade laboral externa ao ambiente doméstico, como as atividades de colheita, considerando-a danosa, como demonstra o trecho abaixo, retirado de um relato feito em 1867:

It is universally admitted that such employment, not so much from causes inherent in it as from circumstances by which it is surrounded, is to a great extent demoralising. Not only does it unsex a woman in dress, gait, manners, character, making it rough, coarse, clumsy, masculine; but it generates a further pregnant social mischief by unfitting or disposing her for a woman’s proper duties at home (VERDON, 2002, p. 72).

O provável aumento do vigor e da resistência física das mulheres habituadas ao trabalho manual no campo fazia com que essas figuras fossem diretamente de encontro com o ideal vitoriano que tinha a fragilidade feminina como uma das características capazes de justificar sua posição de submissão. A sequência de atributos negativos atrelados à execução da atividade laboral citada acima mostra como poderia ser ameaçador para o futuro matrimonial de uma mulher se seu corpo não fosse vulnerável ou elegante o bastante. O trabalho de uma *milkmaid*, no entanto, não exigia da

mulher, necessariamente, a força física. Pelo contrário: eram elas as mais indicadas para a tarefa pela suposta delicadeza de suas mãos – esse, ao menos, era o caso de Tess, que

[...] soon discovered which of the cows had a preference for her style of manipulation, and her fingers having become delicate from the long domiciliary imprisonments to which she had subjected herself at intervals during the last two or three years, she would have been glad to meet the milchers' views in this respect. Out of the whole ninety-five there were eight in particular—Dumpling, Fancy, Lofty, Mist, Old Pretty, Young Pretty, Tidy, and Loud—who, though the teats of one or two were as hard as carrots, gave down to her with a readiness that made her work on them a mere touch of the fingers (HARDY, 2013, p. 107).

É por meio de um ofício humanizado e, às vezes, até prazeroso, que Hardy reestabelece a dignidade de sua protagonista. É também em *Talbothays* que Tess encontra Angel Clare e passa a ser constantemente cortejada por ele. Clare é o filho de uma família religiosa que optou por se tornar um homem de posses em vez de ir para a universidade, como seus irmãos. Para isso, ele se torna um aprendiz de Crick na leiteria, visando, num futuro próximo, adquirir terras que possa administrar na Inglaterra ou na região das colônias, como o Brasil. Ele se encanta pela aparência virginal de Tess e, ao atribuir a ela uma pureza incompatível com sua realidade, a apavora com a possibilidade de descoberta de seu passado sombrio.

They met daily in that strange and solemn interval, the twilight of the morning, in the violet or pink dawn; for it was necessary to rise early, so very early, here. Milking was done betimes; and before the milking came the skimming, which began at a little past three. It usually fell to the lot of some one or other of them to wake the rest, the first being aroused by an alarm-clock; and, as Tess was the latest arrival, and they soon discovered that she could be depended upon not to sleep through the alarm as the others did, this task was thrust most frequently upon her. No sooner had the hour of three struck and whizzed, than she left her room and ran to the dairyman's door; then up the ladder to Angel's, calling him in a loud whisper; then woke her fellow milkmaids (HARDY, 2013, p. 114).

Para Williams (1989) é durante sua ocupação que a protagonista toma decisões acerca das mais diversas questões emocionais de sua vida. Para ele, ao colocar as questões psicológicas e emocionais e o trabalho de seus personagens em uma única dimensão, Hardy atribui aos seus romances uma profundidade e plenitude inéditas na literatura rural inglesa, onde as esferas do amor e do trabalho, assim como a vivência das dores advindas deste e da necessidade de se tomar decisões, coexistem, como possivelmente aconteceria em uma realidade não fictícia, com o contexto laboral individual. A forma literária, nesse sentido, assume uma complexidade humanizada, já que Hardy, frequentemente, “[...] vê o trabalho, com uma percepção arguta, como uma forma central de aprendizagem e relacionamento” (WILLIAMS, 1989, p. 289).

Podemos exemplificar essa “coabitação” das esferas emocional e laboral na forma do romance, dentre tantos outros em que essa fusão acontece, com o momento em que Tess é surpreendida pelo pedido de casamento de Clare enquanto ambos trabalham, sozinhos, no processo de desnatação do leite. Contrariando o desejo do próprio coração, Tess sofre após recusar o

pedido quase imediatamente, por acreditar não ser digna de Angel:

“I feel I cannot—never, never!” she echoed.

“Is it too sudden to be asked thus, my Pretty?”

“Yes—I did not expect it.”

“If you will let it pass, please, Tessy, I will give you time,” he said. “It was very abrupt to come home and speak to you all at once. I’ll not allude to it again for a while.”

She again took up the shining skimmer, held it beneath the pump, and began anew. But she could not, as at other times, hit the exact under-surface of the cream with the delicate dexterity required, try as she might: sometimes she was cutting down into the milk, sometimes in the air. She could hardly see, her eyes having filled with two blurring tears drawn forth by a grief which, to this her best friend and dear advocate, she could never explain (HARDY, 2013, p. 150).

Hardy insiste nessa escolha formal: diante da negativa de Tess, é também durante o trabalho da camponesa que Angel insiste em cortejá-la. Foi durante o transporte das latas de leite fresco de Talbothays até a estação de trem da cidade que Tess cedeu, acreditando que Angel não se importaria com o peso de seu passado quando se casasse com ela.

O período entre o noivado e o casamento da protagonista coincide com a diminuição drástica da demanda por mão de obra feminina na próspera leiteria. Com o nascimento e a venda dos bezerros, restam poucas ou nenhuma vaca para ordenhar (HARDY, 2013, p. 177). Hardy, mais uma vez, inscreve, assim, na forma do romance, a história de muitas mulheres inglesas que, conforme reconhecido apenas recentemente, empregavam sua mão de obra no campo de maneira sazonal e limitada pela divisão sexista do mercado de trabalho.

4. Trabalho e degradação em *Flintcomb-Ash*

Tess, depois de confessar a Angel seu passado, é abandonada por ele poucos dias após o casamento. Inconformado com a recente descoberta sobre o passado indigno da esposa, ele resolve partir sozinho para o Brasil. Ela, em desamparo, volta para a casa de seus pais, de onde parte novamente em busca de trabalho, passando a maior parte do tempo empregada irregularmente em vacarias próximas. Mais uma vez, as condições de vida e trabalho de Tess parecem estar em sintonia com o seu emocional – dessa vez, ambos instáveis. O autor materializa as angústias da personagem por meio da caracterização do espaço em que ela se encontra. Se o amor de Tess por Angel era quente e próspero como o verão na leiteria, o presente, sem ele, é para ela como o irregular planalto de cal de Flintcomb-Ash, impiedosamente frio em meio ao inverno rigoroso. Mais uma vez, como em tantas outras, Hardy coloca em uma escala unidimensional as esferas pessoal e do trabalho: Tess e seu ofício configuram uma coisa só.

Após a partida do marido, Tess reluta em usar o pouco dinheiro deixado por ele. Porém, em meio à ausência de opções de trabalho durante o inverno, tal gasto se faz necessário. Quando a família pede por socorro, Tess envia a eles o pouco que lhe resta e seu dinheiro finda. E ela, por orgulho e por respeito a Angel, se recusa a recorrer aos sogros em busca de ajuda.

Thus it happened that when the last of Tess's sovereigns had been spent she was unprovided with others to take their place, while on account of the season she found it increasingly difficult to get employment. Not being aware of the rarity of intelligence, energy, health, and willingness in any sphere of life, she refrained from seeking an indoor occupation; fearing towns, large houses, people of means and social sophistication, and of manners other than rural (HARDY, 2013, p. 241).

Como já observado na seção anterior, para a mão de obra feminina rural havia, geralmente, uma demanda sazonal limitada, sobretudo, ao tipo de tarefa que poderia ou não ser executada por mulheres. Tess sabia que, com a chegada do inverno e, conseqüentemente, do fim da demanda por *milkmaids* ou por funções mais confortáveis, seria obrigada a trabalhar com a colheita, uma atividade que viria a requerer dela muito mais força e vigor.

First she inquired for the lighter kinds of employment, and, as acceptance in any variety of these grew hopeless, applied next for the less light, till, beginning with the dairy and poultry tendance that she liked best, she ended with the heavy and coarse pursuits which she liked least—work on arable land: work of such roughness, indeed, as she would never have deliberately volunteered for (HARDY, 2013, p. 246).

Com o advento da Revolução Industrial, a mecanização do trabalho no campo teve um impacto direto e determinante na restrição do trabalho feminino rural ao longo dos séculos XVIII e XIX. A otimização da produção agrícola por meio da inserção de novas tecnologias no campo foi crucial na segregação da mão de obra feminina, justamente porque o ritmo das máquinas era muito mais acelerado do que o estabelecido anteriormente pelo trabalho manual:

The expansion of grain production was accompanied by a greater demand for male harvest labour and heavier technology. Thus women's harvest employment was progressively marginalised as the sickle was replaced by the heavier scythe for the harvesting of wheat and rye. Consequently, female employment was increasingly confined to participation in spring weeding and early summer haymaking (VERDON, 2002, p. 25).

É criando uma brusca oposição ao passado idílico de Tess em Talbothays que Hardy parece criar Flintcomb-Ash, que soa insalubre na mesma proporção em que a leiteria parecia transbordar vida. O trabalho muito mais pesado durante o mais rigoroso dos invernos, somado à angústia do abandono e da rejeição no coração de Tess seriam suficientes, talvez, para rebaixá-la a uma condição de miséria física e espiritual. No entanto, ela é ainda submetida à tirania de seu novo empregador que, em uma infeliz coincidência, é o mesmo homem que tivera um desentendimento com Angel por causa dela e, posteriormente, a assediaria ao vê-la vagando sozinha em busca de trabalho. Em uma tentativa de se proteger da ameaça apresentada pelo homem na ocasião anterior, ela fugiu. Agora, no entanto, via-se sem saída. E o homem, por outro lado, viu, na oportunidade de tê-la como empregada, uma chance de vingar-se da ousadia:

“You thought I was in love with 'ee I suppose? Some women are such fools, to take every look as serious earnest. But there's nothing like a winter afield for taking that nonsense out o' young wenches' heads; and you've signed and agreed till Lady-Day.

Now, are you going to beg my pardon?”

“I think you ought to beg mine.”

“Very well—as you like. But we’ll see which is master here. Be they all the sheaves you’ve done to-day?”

“Yes, sir.”

“’Tis a very poor show. Just see what they’ve done over there” (pointing to the two stalwart women). “The rest, too, have done better than you.”

“They’ve all practised it before, and I have not. And I thought it made no difference to you as it is task work, and we are only paid for what we do.”

“Oh, but it does. I want the barn cleared” (HARDY, 2013, p. 255-256).

Vasconcelos (2006) disserta que, em *Tess*, a questão da violência aparece sempre entranhada às relações de classe, e é capaz de revelar um outro aspecto das iniquidades da moderna sociedade capitalista inglesa (p. 197). Hardy evidencia, na situação acima, mais uma camada da vulnerabilidade de sua heroína. Um patrão, naturalmente, exerce uma posição de poder (não raramente abusiva) sobre o empregado. Porém, a relação de poder aqui estabelecida possui uma série de intensificadores: além da marca de classe (empregador × empregado) somada à de gênero (empregador homem × empregada mulher) que, por si só, já descompensaria essa relação, vale especificar que se trata de um homem que, em oportunidades anteriores, já a aterrorizara, e, por conhecer o passado de Tess, usa-o como forma de ameaça contra ela. Dependente de sua função para conseguir abrigo e algum dinheiro durante o inverno, não lhe resta opção além da submissão. Nada disso, evidentemente, nos é apresentado por acaso. Embora tenha raízes no episódio de violação cometido por Alec, é com o inesperado abandono de Tess por Angel, seguido da exposição da protagonista a uma série de tormentos e a condições desumanizadoras – e, portanto, de trabalho – que Hardy dá o impulso final em direção à dolorosa jornada de degradação humana a que ela seria submetida até seus últimos dias de vida, já não muito distantes a essa altura:

They worked on hour after hour, unconscious of the forlorn aspect they bore in the landscape, not thinking of the justice or injustice of their lot. Even in such a position as theirs it was possible to exist in a dream. [...] It was so high a situation, this field, that the rain had no occasion to fall, but raced along horizontally upon the yelling wind, sticking into them like glass splinters till they were wet through. Tess had not known till now what was really meant by that. There are degrees of dampness, and a very little is called being wet through in common talk. But to stand working slowly in a field, and feel the creep of rainwater, first in legs and shoulders, then on hips and head, then at back, front, and sides, and yet to work on till the leaden light diminishes and marks that the sun is down, demands a distinct modicum of stoicism, even of valour (HARDY, 2013, p. 250-251).

Ao submeter Tess a tamanha condição de degradação – que só se mostra pior conforme sua estadia na fazenda mecanizada se prolonga – Hardy acaba, mais uma vez, desafiando o estereótipo vitoriano da fragilidade como característica intrínseca ao feminino. Não à toa, muitas das críticas recebidas por ele remetiam à construção das mulheres de seus romances, que muito frequentemente – e intencionalmente – iam de encontro com o tão incentivado ideal vitoriano de “anjo do lar”. Ele costumava ser acusado pela crítica de deturpar o sexo feminino. Acreditava-se, na época, que, na

literatura, “The ideal was preferable to the real if only to set a good example for the young British person, but Hardy refused to employ his art to such an end” (MORGAN, 2007, p. 90).

Do ponto de vista crítico, é essencial que vejamos tais descrições insalubres não apenas como meras tentativas de contextualização espacial. A natureza, em Hardy, não existe de forma desprezível, não se limita ao *setting* ou ao *background*. Não é incomum que a natureza, em diversos momentos, aja como um expensor do universo individual que é a consciência de Tess:

In *Tess*, [...] the natural world is writ large as both representative habitat and literary metaphor. In each location, from Talbothays to Flintcomb-Ash, the physical reality of the natural world not only plays a part in the drama of Tess's life but also doubles as a literary device and an external correlative; that is, we read the external world as mirror to her inner consciousness, and occasionally the reverse. The world she inhabits exists in her own mind as often as it exists independently of it. As regards the physical reality, it is not simply the miles she trudges and the rural labor she endures, but the kind of terrain she has to traverse and the kind of weather, even the kind of soil beneath her feet, that shape her character and her destiny. Fatigue is related not simply to fieldwork but also to the long distances she has to walk (MORGAN, 2007, p. 103).

Apesar de o ritmo e as condições impiedosas de Flintcomb-Ash vistos até o momento serem, de certa forma, suficientes para a ilustração de um paralelo drástico entre esse novo cenário e o da antiga vacaria, esse não parece ser o único intuito de Hardy. A brutalidade advinda dessas condições de trabalho enfrentadas por Tess atinge outro nível de profundidade com o aparecimento do memorável “tirano vermelho”, uma debulhadora a vapor que permite a instauração de um ritmo inumano de trabalho aos empregados. De novo, não há acasos: é em meio ao trabalho na debulha que Tess volta a ser atormentada pela figura vil de Alec d'Urberville – seu emocional, outra vez, se expande, na forma do romance, ao que lhe é supostamente externo.

Williams (1989) atenta, outra vez, para a bidimensionalidade da figura de Tess, porque, como em tantas outras situações, o mundo do trabalho e suas questões individuais se entrelaçam, pois “[...] o hiato entre sua consciência e seus atos faz parte tanto de sua vida emocional quanto de sua vida de trabalhadora. É enquanto trabalha [...] que Tess toma suas decisões emocionais críticas; é em meio à dor e ao pó da debulhadora que ela vê Alec outra vez” (p. 289):

Thus the afternoon dragged on. The wheat-rick shrank lower, and the straw-rick grew higher, and the corn-sacks were carted away. At six o'clock the wheat-rick was about shoulder-high from the ground. But the unthreshed sheaves remaining untouched seemed countless still, notwithstanding the enormous numbers that had been gulped down by the insatiable swallower, fed by the man and Tess, through whose two young hands the greater part of them had passed. And the immense stack of straw where in the morning there had been nothing, appeared as the faeces of the same buzzing red glutton. From the west sky a wrathful shine—all that wild March could afford in the way of sunset—had burst forth after the cloudy day, flooding the tired and sticky faces of the threshers, and dyeing them with a coppery light, as also the flapping garments of the women, which clung to them like dull

flames.

A panting ache ran through the rick. The man who fed was weary, and Tess could see that the red nape of his neck was encrusted with dirt and husks. She still stood at her post, her flushed and perspiring face coated with the corn-dust, and her white bonnet embrowned by it. She was the only woman whose place was upon the machine so as to be shaken bodily by its spinning, and the decrease of the stack now separated her from Marian and Izz, and prevented their changing duties with her as they had done. The incessant quivering, in which every fibre of her frame participated, had thrown her into a stupefied reverie in which her arms worked on independently of her consciousness. She hardly knew where she was, and did not hear Izz Huett tell her from below that her hair was tumbling down (HARDY, 2013, p. 292).

Ao contrário do que a agressividade da cena pode, *a priori*, nos sugerir, a relação que Hardy estabelece entre a mão de obra humana e a tecnologia é pacífica. Não é a debulhadora que desfigura e desumaniza quem por meio dela executa uma tarefa. Na verdade, pouco existe de racional nessa suposição, uma vez que a máquina jamais teria tal autonomia. O maquinário é criado, produzido, alugado e instalado, afinal, por mãos humanas. São também ordens humanas que definem a hora de início, de pausa, e de desligamento da máquina. São olhos humanos que fiscalizam a constância do trabalho.

Critics have made much of the ‘red tyrant’ and the manner in which the mechanical thresher is used to enslave field laborers to its unstoppable rhythms, driving the workers senseless with noise, smoke, and fatigue. The image of the red tyrant is, of course, aligned with Alec, who steps on cue into the scene to renew his pursuit of Tess. Although critics tend to focus on the relentless tyranny of the industrial machine in this episode, Farmer Groby is possibly the true culprit. When he hires the thresher, he insists that his workers feed it nonstop throughout the day, even by moonlight, to meet the greedy needs of his pocket. But the ‘red tyrant’ image is an obvious one: the patterning of the demonic machine, with its perpetual buzz and hum and filthy pollution, exploiter of the economic underclass, is aptly linked to the demonic male (MORGAN, 2007, p. 104).

A mesma percepção foi, anos antes, defendida por Raymond Williams:

[...] esta visão impressionante de uma máquina alienígena não nos deve fazer esquecer o fato de que se trata também de uma ação numa história — ação de uma debulhadora concreta. Ela está naquele campo, funcionando durante todo aquele tempo, por que foi alugada — não pelo industrialismo, mas por um fazendeiro. E há seres humanos concretos tentando acompanhar a máquina e o fazendeiro (WILLIAMS, 1989, p. 288).

Hardy conseguiu tratar como ninguém do lento e complexo processo de mobilidade que levou à consolidação do sistema capitalista. Para Williams, ele foi capaz de centrar suas principais obras em processos corriqueiros de vida e de trabalho, manifestando questões comuns por meio de pressões pessoais como, no caso da própria Tess, “[...] relacionamentos que se formam e que fracassam, crises de personalidade física e mental [...]” – que foram, simultaneamente, relatados e dramatizados por ele em seus romances. (WILLIAMS, 1989, p. 271-272). Ele acrescenta, em outro momento, que Hardy

enxerga a aspereza dos processos econômicos, na herança, no capital, no arrendamento e no comércio, dentro da continuidade dos processos naturais e persistentemente interpondo-se entre eles. O processo social criado nessa interação é um processo de classe e separação, bem como de insegurança crônica, à medida que vão se desenvolvendo a agricultura e o comércio capitalistas (WILLIAMS, 1989, p. 286).

O agressivo processo de desumanização promovido pelo trabalho na configuração de uma sociedade capitalista em ascensão também é demonstrado, na cena da debulhadora, pela descrição quase sobrenatural do operador que trabalha próximo à Tess, tão refém quanto ela da violência impiedosa da função que exercem por meio do maquinário. Não pela primeira vez no romance, temos um vislumbre da pequenez humana diante da força avassaladora de um sistema socioeconômico em transformação que, apesar de afetar a todos, tem suas consequências individualizadas pelo romancista.

Justamente porque Hardy fugia de uma visão simplista e estereotipada do campo inglês que fazia questão de personalizar, conforme já defendido anteriormente, as pressões sofridas, de forma diferenciada, pela zona rural inglesa como um todo: “Foi de modo detalhado, vendo os efeitos gerais na sociedade como um todo, mas também os processos internos e seus complicados efeitos sobre a estrutura social rural, que Hardy registrou e explicou esse processo” (WILLIAMS, 1989, p. 283).

O movimento seguinte da narrativa depois do perturbador episódio da debulhadora, intensificado por uma – tão perturbadora quanto – visita indesejável de Alec, é a morte do pai de Tess – evento que acaba por, de certa forma, selar a tragicidade de seu destino. Sem respostas de Angel às suas cartas enviadas ao Brasil, a família da heroína fica em completo desamparo depois do despejo de sua mãe e irmãos de Marlott – motivado não só pela ausência da figura masculina a quem a propriedade era cedida, mas pelo passado indigno de Tess, que concebera o filho fora de um casamento. Mais uma vez, Tess carrega a culpa pela situação de vulnerabilidade enfrentada por sua família e, visando proporcionar à mãe e, principalmente, aos irmãos pequenos, algum conforto e proteção, ela se vê obrigada a ceder às insistentes propostas de Alec, que prometia fazer isso sob a condição de tê-la como amante.

5. Considerações finais

A função social exercida por *Tess* é evidenciada em muitos aspectos ao longo da obra. Até para os que não acreditam na relação entre literatura e elementos histórico-sociais, quando o objeto em questão são os romances de Hardy é impossível negá-la. Ele mesmo admite, em uma nota explanatória ainda na primeira edição do romance, em 1891, que a estória foi publicada “[...] as an attempt to give artistic form to a true sequence of things” (HARDY, 2013, p. XIX).

Muito embora a intenção de Hardy provavelmente divirja, em alguns aspectos, das conclusões a que chegamos aqui, cerca de 130 anos mais tarde, a respeito do papel social exercido pelo romance em questão, é inegável sua contribuição para o processo de desmistificação do meio rural inglês, das pessoas e das relações que o constituíam. Seja na ficcionalização de um

momento histórico delicado e complexo – o impacto do avanço da industrialização e do capitalismo agrário nas sociedades rurais –, cujas consequências ainda vivenciamos nos dias de hoje, por meio do estabelecimento de relações sociais com crises e tensões específicas; seja na tentativa de dar visibilidade a uma parcela da sociedade – a das mulheres que empregavam sua mão de obra no campo – que, mesmo em sua época, era invisibilizada e que, posteriormente, passa por um processo de apagamento muito mais severo historicamente; seja pela tentativa de quebra do aspecto idealista de concepção feminina na ficção por meio da humanização de suas heroínas, a força histórica que Tess carrega em suas entrelinhas é inegável e imprescindível.

O trabalho, além de se mostrar como um motor por meio do qual o romance se movimenta, é também, no caso de Tess, uma ferramenta de dignificação da personagem – portanto, é o aspecto social manifestado como forma. Por meio do trabalho, Tess se realiza como ser humano e estabelece uma relação com o ambiente que a cerca porque, socioeconomicamente, com o advento e consolidação do sistema capitalista, sua existência e sobrevivência estão diretamente submetidas à necessidade do emprego de sua força de trabalho. A deterioração de suas condições de trabalho ocasiona, simultaneamente, sua degradação pessoal, física e mentalmente, consolidada, em seu mais alto grau, pela submissão involuntária máxima de seu corpo às vontades de seu opressor em troca de proteção econômica.

A ruína gradual de Tess ao longo da narrativa é frustrante e desoladora justamente porque se dá de forma tão elaborada que parece inevitável. Essa inevitabilidade característica do fatalismo (do qual Hardy é acusado com frequência e com razão) se dá, justamente, porque é “[...] causada por processos muito complicados de divisão, separação e rejeição. As pessoas escolhem mal, porém o fazem sob pressões terríveis: em meio a confusões de classe social, os mal-entendidos por elas gerados, as rejeições calculadas de um mundo dividido e divisor” (WILLIAMS, 1989, p. 290). Essas escolhas, no caso de Tess, são evidentemente limitadas por aspectos sobre os quais ela não teve qualquer poder de decisão: ela existe em um mundo que, em troca de recursos para sua subsistência, explora e desvaloriza sua força de trabalho e, em virtude de seu sexo, a julga e a diminui. A somatória perversa dessa dupla opressão só pode resultar na condenação física de seu corpo, que já havia sido, muito antes, condenado socialmente.

Referências

HARDY, T. **Tess of the d’Urbervilles**. 1. ed. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 2013.

MORGAN, S. Introduction: Class, Women and the ‘Public Sphere’. In: MORGAN, S. **A Victorian Woman’s Place: Public Culture in the Nineteenth Century**. 1. ed. New York/London: Tauris Academic Studies, 2007. p. 01-08.

REIDHEAD, J. Introduction. In: GREENBLATT, S.; ROBSON, C.; CHRIST, C. T. (ed.). **The Norton Anthology of English Literature** – Volume E: The

Victorian Age. 9. ed. London: W. W. Norton & Company, 2016. p. 979-1001.

VASCONCELOS, S. G. T. A terceira menina. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 9, p. 190-203, 2006. Anual. ISSN: 14132982.

VERDON, N. **Rural Women Workers in Nineteenth-Century England: Gender, Work and Wages**. 1. ed. Great Britain: The Boydell Press, 2002.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.